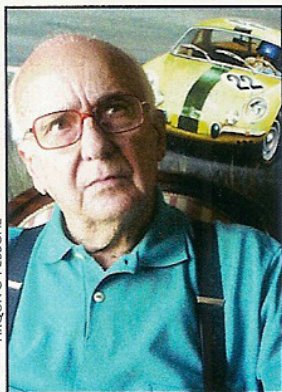


## Carta à amiga Isabel Reis



Gostaria de expressar quanto eu valorizo a Revista RACING pelo fato de a publicação também valorizar os pilotos, o esporte automobilístico e as histórias

Ter subido no palco do Capacete de Ouro, onde são consagrados os notáveis do automobilismo brasileiro, recebendo e entregando o troféu do homenageado, refletiu a valia do meu trabalho e, certamente, alcançou os meus companheiros de geração, que, desde Emerson Fittipaldi,

lançaram o nosso país em destaque no cenário internacional e, a partir daí, "PILOTO BRASILEIRO SE TORNOU UMA GRIFE". Este fato foi uma das missões mais honrosa da minha carreira. A Equipe Willys era a grande academia de pilotos, sentíamos o calor dos holofotes. Nós éramos seis, eu e o Luiz Pereira Bueno, um pouco mais velhos, Wilson Fittipaldi, José Carlos Pace, Carol Figueiredo, Francisco Lameirão e, depois, Emerson Fittipaldi. Formávamos a tropa de elite daquela época. O Renault era o nosso instrumento, pilotar uma Berlinete era a glória. Cumprindo seu papel, nosso chefe, Luiz Antonio Greco, programava longos treinos. Todos se revezavam no mesmo carro, o limite era desafiado de forma incontida, destruímos muitos veículos, mas, felizmente, nunca nenhum de nós se machucou, tivemos muita sorte, o chefe se orgulhava, mas, para nós, era difícil e desconfortante. Era um treinamento intensivo, com estratégia perversa, mas, por isso mesmo, foi amplificada a competência daqueles pilotos que escreveriam a história do nosso automobilismo. Fangio saiu das carreiras e Emerson das Berlinetes.

A conscientização emocional do evento tirou o meu sono. No reflexo da minha memória, me envolvo com aqueles tempos em que éramos um grupo de jovens audaciosos e obstinados, que, até as últimas conseqüências, entregávamos a nossa vida com total disposição e despreocupados com a integridade física, diante da precária cultura com a segurança daqueles tempos, quando os carros de corrida escorregavam deliciosamente desprovidos dos "indispensáveis" cintos de segurança. Emocionado, me dou conta, também, que o próximo passo só poderia ter sido a carreira internacional, mas que, naquelas circunstâncias, era quase impossível. Não nos dávamos conta que estávamos escrevendo a história e era inimaginável que o Emerson, o Moco e o Wilsinho disputariam, mais tarde, a F1, e que o Rato seria o primeiro brasileiro campeão.

Naquele palco, desfilou a elite dos pilotos, desde as promessas mirins aos destacados de todas as categorias. Envolvido pelas lágrimas emocionadas do Moreno contando sua história, a ficha caiu com muito peso no meu coração, mas com minha memória mais distante e anterior à dele. Como um velho guerreiro tendo já cumprido sua missão, corri os olhos pela plateia, a procura do Luiz Pereira Bueno. Que bom! Somos parte disso e, pelo menos em pensamento, desejo segurar na mão dele para formar uma corrente e avaliar, mais do que ninguém, tudo o que rolou desde a Equipe Willys até aquele momento solene. E envolver-nos na importância daquele momento do automobilismo e dos pilotos brasileiros, desfrutando esta solenidade. Mais uma vez, muito obrigado e parabéns para você e toda a sua equipe.